

EU E TU
PENSAMENTOS AO REDOR DE
MARTIN BUBER

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre***

***e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira***

***ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

Começamos com a imagem de uma ave.

Saibamos terminar esta abertura de livro com a imagem de uma outra.

Faz algum tempo redigi um novo pequeno capítulo de uma nova e revista edição de *a educação como cultura*. O seu nome parecia grande demais para um capítulo pequenino: *cultura – o mundo que criamos para aprender a viver*. Logo no começo da segunda página escrevi então palavras sobre uma ave e eu que quero trazer de volta aqui.

De repente a ave voa e vai embora, muito mais e muito menos sábia do que eu. Quem saberá? Ela retorna ao seu ninho como um ser que habita um absoluto presente e nada sabe e nem pensa, ainda e nunca, a respeito de sua própria morte. E quando ela chegar, a ave de súbito fecha os olhos, cai do galho e volta à terra sem saber e sem pensar de onde veio e para onde vai. Eu não. Eu carrego a minha morte a cada instante, porque apreendi a me pensar no tempo e pensando o tempo o tempo inteiro de minha vida a vivê-lo. Carrego na antevisão de um qualquer dia, amanhã, a minha morte, assim como levo pela vida afora a experiência humana da Vida, e a minha vida na memória carregada de nomes e de cenas, de cenários e de símbolos, de palavras e frases. De tessituras sempre inacabadas onde se entrelaçam gestos e seus arremedos de sensibilidades, sentidos e de significados gravados nos genes que me habitam, no corpo que eu habito e, imagino, no espírito onde acredito que esteja a parte mais etérea e, quem sabe? Imortal, de uma pessoa chamada Carlos.¹

Vejamos. Podemos trazer em primeiro lugar o depoimento de Matt Riddley, um biólogo norte-americano. Ele parte, com tantos outros biólogos, psicólogos e mesmo antropólogos de estudos comparativos entre nós e os macacos para chegar a conclusões semelhantes às que foram escritas nas primeiras páginas deste estudo. Em uma direção outra, mas próxima, Ele busca nos macacos e em nós os humanos, respostas a esta pergunta crucial e não resolvida: afinal, somos “naturalmente” seres cooperantes e solidários, ou a vida imprimiu em nós uma herança genética em que a concorrência, a competição e o conflito constituem a nossa natureza original? E ele conclui o seu estudo dizendo isto.

¹ ***A educação como cultura***, terceira e revista edição publicada pela Editora Mercado das Letras, de Campinas, em 2002. Está na página 16.

Nossas mentes foram formadas por genes egoístas, mas para serem sociais, fidedignas e cooperadoras. É um paradoxo que este livro tenta explicar. Os seres humanos têm instintos sociais. Vêm ao mundo equipados com predisposição para aprender e cooperar, para distinguir o fidedigno do traiçoeiro, procurar ser leais, conquistar boa reputação, trocar produtos e informações e dividir o trabalho. Nisso estamos sozinhos. Espécie alguma avançou tanto em sua caminhada evolutiva, pois nenhuma outra construiu uma sociedade tão integrada, à exceção dos parentes dentro de uma grande família, como a colônia de formigas. (...) Longe de ser uma característica universal da vida animal, como Kropotkin acreditava, a tendência a cooperar é a marca de qualidade e legitimidade do ser humano, aquilo que nos distingue de outros animais².

Retornemos por um momento mais a Humberto Maturana. Ele nos apresenta como seres da vida social (e não apenas coletiva) e do símbolo e da linguagem. Como um biólogo bastante interessado em questões de educação, ele poderia lembrar algo que percorre também as nossas idéias.

Nós, os humanos, somos seres aprendentes. Somos seres sempre instável e interativamente relacionais, afetivos e racionais. Aprendemos a saber uns com os outros, porque o movimento biologicamente original em nós é o desejo da presença do outro e a partilha com ele da experiência do estar-com. A vivência do partilhar em-mim a existência-presença de meu outro sem outro proveito que não seja o conviver.

Tudo o mais seriam derivações deste movimento essencial. E o *amor* é o melhor nome para esta emoção ativa que gera, com outros termos e com os fundamentos de uma outra ciência, a reciprocidade gratuita que ordena (ou deveria ordenar) todas as outras interações entre pessoas humanas. Não aprendemos a reciprocizar, a trocar e a partilhar como uma estratégia cultural inevitável e geradora da aliança entre grupos através de seus indivíduos e de comunidades através de seus grupos. Se assim procedemos, social e culturalmente é porque, *natural e geneticamente* somos a espécie animal que ao se humanizar (ou “hominizar”) o fez, passo a passo, porque ascendeu do poder sobre o outro ao amor pelo outro.

² Matt Riddley, *As origens da virtude – um estudo biológico da solidariedade* (2000), página 281

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Isto pode parecer chocante, mas, insisto, é o amor. Não estou falando a partir do cristianismo (...) O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada de especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e é este modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso digo que o amor é a emoção que funda o social: sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social³.

A competição é antissocial. A competição, como atividade humana, implica a negação do outro, fechando seu domínio de existência no domínio da competição. A competição nega o amor. Membros das culturas modernas prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição é uma grande cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade reduzindo as circunstâncias da coexistência.

(...)

A origem do homo sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor⁴.

De uma maneira menos biológica e talvez ainda mais marcada do que em Humberto Maturana, Martin Buber, com quem nos encontramos páginas acima, torna a partilha do amor o lugar central de toda a verdadeira relação humana, algo tão essencial na experiência do entre-nós, que sequer o EU (que ele sempre escreverá com duas maiúsculas) existirá sem a presença do outro. De um TU (idem) que na relação EU-e-TU, cria e preserva a unidade real da pessoa e da personalidade. E o vínculo que torna existente e fundadora esta unidade dual é, uma vez mais, o amor. Tal como em Maturana, o amor não é um sentimento entre outros. Nós não geramos o amor, não o criamos. Através do encontro com o outro *ele* acontece entre nós. E este acontecer gera e torna presente e existente em/entre nós (um EU que não se faz existir sem o TU) a substância de nosso próprio ser. Partilho, logo, existo.

³ Humberto Maturana, apud Marcos Arruda: *humanizar o infra humano*, página 217.

⁴ Humberto Maturana, *Emoções e linguagem na educação e na política*, 1999, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

mas o homem habita em seu amor. Isto não é uma simples metáfora, mas a realidade. O amor não está ligado ao EU de tal modo que o TU fosse considerado um conteúdo, um ISSO.

Os sentimentos nós os possuímos, o amor acontece. Os sentimentos residem no homem, objeto: ele se realiza entre o EU e o TU. Aquele que desconhece isso, e o desconhece na totalidade de seu ser, não conhece o amor, mesmo que atribua ao amor os sentimentos que vivencia, experimenta, percebe, exprime. O amor é uma força cósmica. Àquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam de seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, tornam-separa ele atuais, tornam-se TU, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada um face-a-face (...) Amor é responsabilidade de um EU para com um TU⁵.

A busca do outro em nossas vidas é, mais do que tudo, o nosso “movimento” mais original. Não podemos viver sem o outro, não sabemos viver sem a partilha. O fato de que parecemos estar entrando em uma era da trajetória humana em que a presença de outros “pesa” na maior parte dos casos, e então preferimos a solidão da massa diante da TV do que a convivência com as próprias pessoas de nossos círculos de vida mais cotidiana, não deve ser confundido com uma maior “liberdade de escolhas”, como alguns apregoam (principalmente os fabricantes de televisão).

Em um pequeno artigo a respeito das tendências atuais do “marketing”, é dito com todas as letras que a indústria de bens móveis e a sua conseqüente propaganda está passando de uma produção e de um apelo a objetos e artefatos de uso familiar (como uma geladeira ou um fogão) para artefatos e utensílios individuais, como o computador lep-top. O seu ideal, em nome sempre do aumento dos lucros e da acumulação de capitais, é que do banheiro ao automóvel e dele à própria casa, cada um e cada uma de nós possua cada “coisa comprável” de forma tão individualizada como a escova de dentes. Tanto isto é verdadeiro que em cidades como Berlin e Londres, cerca de 30% da população já “vive sozinha”.

Se esta poderia ser uma inevitável tendência humana em direção ao individualismo e ao centrar-se em si-mesmo, por um outro lado poderia ser uma abertura a uma re-individualização. Ou seja, a um desejo e um direito de livres escolhas de meus outros, para a partilha e a formação de “novas tribos”, como

⁵ **Eu e Tu** (sem data), na página 17.

dirá Maffesoli, ou de novas comunidades de vida, de destino e de ação social. Eis uma passagem dele.

Tentei mostrar, ao longo deste livro, que o interesse e o desafio estão em outro lugar. De minha parte, vejo-os na instalação, progressiva, de uma solidariedade orgânica, feita de atrações e de repulsões, de identificações afetuais ou de emoções partilhadas, em todos os domínios. Tudo isso nada mais tem a ver com a política. (...) A ordem que parece desenhar-se é a de um conjunto de comunidades nem positivas nem unanimistas, mas precárias e submetidas à versatilidade da emoção. Mais do que uma união plena, uma união de projeto, a solidariedade nascente origina-se de uma união na falta, no vazio; comunhão de solidões que, pontualmente, vivem o trágico da fusão, onde, de maneira orgânica, a “pequena morte” e a vitalidade são vividas dia-a-dia⁶.

Eis-nos diante de não apenas duas variantes teóricas – pois não se trata disto – mas de duas vertentes dos fundamentos e raízes da reciprocidade e da cooperação. Uma delas vem das ciências da vida e coloca em predisposições orgânicas da espécie o alicerce da razão solidária. Somos geneticamente seres regidos pela emoção, a emoção fundadora é a experiência do amor, e é o exercício desta emoção humana, entre os mais relacionamentos entre pessoas e entre grupos de pessoas, o que constitui a vida social. A outra vem das ciências sociais e desloca uma opção simbólica, logo, cultural, o surgimento da reciprocidade. Pois é justamente devido a algo que nos falta e sobra nos animais, e algo que tornaria naturalmente improvável a comunidade humana se não viesse a existir entre nós de outro forma, que nos obrigamos a gerar uma série de saberes, valores, princípios, preceitos e códigos sociais regidos por certas proscricções e por inúmeras prescrições, como o caso da reciprocidade, da circulação de bens, pessoas e mensagens e da obrigação de vivermos dentro de círculos de troca e circuitos do dom, regidos por contraprestações do tipo dar-receber-retribuir. E é, vimos já, porque nos criamos culturalmente “assim” que tornamos possível a nossa existência no planeta Terra e, nela, nos tornamos humanos.

O certo é que convivemos com uma evidência muito forte. E ela é local e universal, municipal e planetária. Ela vale tanto para uma escola, uma cidade ou o planeta Terra. E qual é ela? É o fato de que justamente agora, quando por todo o

⁶ Michel Maffesoli, *A Tribalização do Mundo*, página 271.

lado começamos a abandonar os mega-projetos sociais e as mega-metas históricas e as grandes utopias, por toda a parte vemos multiplicarem-se, estenderem-se e intercomunicarem-se unidades comunitárias, movimentos sociais, frentes civis de luta por direitos humanos. Por toda a parte surgem e se enraízam pequenos, médios e grandes grupos humanos empenhados em alguma questão humana, social, cultural, ambiental e assim por diante. Vemos pequenas unidades de ação criando e ampliando redes. Vivemos um tempo inigualável em termos de partilha e participação em grupos, comunidades e redes de ação e de mobilização social.

Vivemos hoje uma “espécie de mundo” em que, ao mesmo tempo, resulta inevitável e resulta muitas vezes impraticável o apelo urgente ao sairmos de nossa rotina e nos lançarmos solidariamente em busca de “algo mais”. Este momento sugere algo diante da evidência de que talvez tenhamos chegado, por outros e indesejados caminhos, a uma sociedade de que o próprio “Big Brother Brasil” seja a melhor metáfora. Uma sociedade “global” – ou globalizada - em que o pessoal e o familiar vêm-se cada vez mais perdidos de um genuíno caráter identitário regido por valores comunitários e cada vez mais invadidos por um “público” que, longe de representar as aspirações do bem-comum, representa a invasão da privacidade e o seu domínio por uma cultura de massa que pretende administrar em nossas mentes e, na vida social, a própria gestão dos sentimentos de cooperação, de compromisso e de participação

Mas, justamente por sermos humanos em busca de nos humanizarmos sempre mais, as nossas ações e condutas interativas em geral nos aparecem reunidas e opostas aos pares: compromisso *versus* descompromisso; cooperação *versus* competição; individualidade aberta aos outros *versus* individualismo fechado para os outros; gratuidade *versus* interesse; generosidade *versus* egoísmo; iniciativa em favor do grupo *versus* inércia em favor de “mim-mesmo”; participação *versus* alheamento.

A escolha das primeiras palavras em cada par de opostos, em nome de uma adesão pessoal e consciente a uma “vida em favor da vida”, nos convoca, por tudo o que vimos até aqui, ao vivermos em tudo e a cada momento, à abertura de nos mesmos à experiência do diálogo. Viver como quem se reconhece, em cada momento de cada dia de vida, como um alguém que é parte de círculos de pessoas que por saberem o que eu também sei, mas de maneiras diferentes das minhas, podem colocar-se diante de mim a partir do que são, do que aprendem e do que sabem. E por partilharem comigo os saberes e significados que construímos e partilhamos, devotam-se a construírem juntas, a partir das

conjunturas mais simples da vida cotidiana, um cotidiano de vida cada vez mais realmente humano.

É para um diálogo mais amorosamente fecundo e profundo com toda a vida à minha volta (uma ecologia do saber e da educação) comigo mesmo (uma ecologia profunda do eu) e com os meus outros (uma antropologia ativa do criar saber para recriar mundos mais humanos) que serve todo o esforço sempre interativo, do ensinar-e-aprender. O deixar-se educar, isto é, o estar envolvido em situações dialógicas onde cada um a seu modo, mas sempre na construção solidária com outros, adquire e constrói o seu “novo saber”, uma mesma medida em que cria, com os outros, com o círculo dos outros sujeitos culturais aprendentes (professor inclusive), um passo a mais em uma cultura mais “sabedora de si mesma”, logo, mais potencialmente humana.

Malgrado tudo, somos seres humanos. E podemos acreditar que em nosso estado original e na plenitude da experiência de nosso ser, somos seres originados do *amor* e convocados a ele. Somos pessoas destinadas a criar interações, momentos de vida, partilhas de cotidiano e história de povos e de mundos regidos/as pelo amor e dirigidas/os a ele. Somos seres vocacionados a uma história amorosa construída pela cooperação e, não, pela competição.

Estabelecer qualquer campo de relações entre pessoas – do contexto de um namoro ou de uma família ao de toda a humanidade – sobre o princípio da competição não equivale a contrapor-se a uma “visão romântica e utópica sobre a pessoa e o mundo”, a partir de uma “visão racional e realista”. Ao contrário, tudo o que nos afasta da vocação original de sermos seres do *amor* significa pensar a Pessoa, a Vida e o Mundo a partir do que não é nosso em nós mesmos e entre nós mesmos. Somos seres pertencentes à solidariedade e à cooperação, não ao interesse egoísta e à competição. Somos destinados ao encontro solidário entre sujeitos e, não, à agressão competitiva entre seres tornados objetos um para o outro.

Para tanto será preciso talvez começar a pensar ou crer que a unidade concreta e experiencial do Ser não é um *eu*, mas um *nós*. E talvez nem mesmo exista um *eu-mesmo* fora de um *nós-outros*. E é bem provável que este nós unitário, na sua pluralidade, e como instância fundadora da subjetividade de um súbito e surpreendente *eu-entre-nós* não é uma essência construída. Não nasce como é e não existe fora do fluxo das relações intersubjetivas. Ele existe, perene e transitório, o mesmo e sempre outro, quando é e quando está sendo recriado a cada momento recriado através e nas reciprocidades vividas entre pessoas concretas e postas de algum modo em uma relação de encontro. Uma troca intersubjetiva que conecta atores interativos que não apenas vagamente se

“relacionam”, mas que se recriam em uma relação vivida não como uma experiência do próximo, mas como um encontro do/com o outro. Esta é uma idéia viva no *Eu e Tu* de Martin Buber e creio que a grandeza de seu apelo mal nos toca ainda.

A relação dialógica criadora de unidades de *nós-outros* é de algum modo algo sempre presente, porque ela existe no ato que a cada instante está sendo criada e recriada através do encontro tão gratuito e recíproco quanto possível entre duas ou algumas pessoas. Ela é, portanto, uma sempre presença, e apenas existe quando de algum modo coloca o ser de um Outro em mim, diante de mim, comigo, e entre-nós.

Assim, o estender dimensões em que a pessoa de outros se abre, gratuita e inteira a mim, sem utilidades e proveitos, ou dentro de uma absoluta reversão, de tal sorte

Esta inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro, esta substituição ao para-si da obstinação ontológica de um eu doravante decerto único, mas único por sua eleição a uma responsabilidade pelo outro homem – irrecusável e inacessível – esta reviravolta radical produzir-se-ia no que eu chamo encontro do rosto de outrem. Por trás da postura que ele toma – ou que suporta – em seu aparecer, ele me chama e me ordena do fundo de sua nudez sem defesa, de sua miséria, de sua mortalidade. É na relação pessoal, do eu ao outro, que o “acontecimento” ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser⁷.

que exista de parte a parte a sirva a uma e outro, significa, no alargamento de minhas experiências genuínas de entre-nós, um também genuíno desfronreamento das dimensões do meu próprio eu. Este é o sentido em que tantas vezes dizemos entre nós que somente através de um Outro Eu me encontro comigo mesmo e me realizo a Mim mesmo. Todo o olhar em que me compreendo e me vejo mais translúcido e transparente para mim mesmo, nunca é o que vem de um espelho, mas sempre de um rosto de um Outro. E isto porque uma outra pessoa nunca me deve ser genérica, uma abstração, um conceito, sequer uma identidade coletiva. Ela somente existe para mim na experiência do encontro como uma presença absoluta. É o seu ser estampado no enfrentamento de um olhar, de um rosto. O outro não me é sequer uma imagem, uma figura posta diante de mim.

⁷ Na página 269 de *entre nós – ensaios sobre a alteridade*, editado pela VOZES, de Petrópolis, em 1997. É a resposta a uma das perguntas do *diálogo sobre o pensar-no-outro*.

Ele é um rosto único. É por isto e não por uma crença metafísica nas excelências do ser humano que há quem morra por um alguém que mal acabou de conhecer. Som os e não podemos deixar de ser corresponsáveis uns pelos outros no sentido mais material deste elo. A presença de um outro diante de mim me impele a sair-de-mim em sua direção como o único movimento que me liberta e me torna genuinamente um eu-mesmo. Assim, em Emmanuel Lévinas.

Só quando estou genuinamente com-o-Outro, estou também comigo mesmo. E, assim, toda a solidão desejada é um exercício que me prepara para voltar um tanto melhor ao mistério do encontro com as outras pessoas. E a idéia de *comunhão*, que em nossos debates vamos deixando pouco a pouco de lado porque ela parece religiosa demais, espiritual demais, pode ser uma palavra de uma concreta e criadora força social. Eis que se ousarmos o bastante, poderemos compreender esta palavra tão afetuosamente conectiva, tanto no sentido de um amoroso e gratificante *estar-com*, ou um *ser parte de*, quanto com o sentido de um *criar com o Outro*. Sim, partilhar um momento da vida de um Outro para criar com-ele algo que seria impossível gerar por conta própria. Gerar, como razão de ser do encontro com outras pessoas, o próprio processo da *partilha na criação de*. Ali onde o que importa é sempre bem mais o viver o que se cria quando juntos, do que o produto prático que materializa a experiência de uma convivência criadora.

E neste caso às vezes tão limite, este “algo que se cria” na novidade da plena aceitação da pessoa do outro, é alguma “coisa” que, por ser o fruto de uma relação vivida no amor (= na aceitação de outros em meus cenários de vida), não deveria ser regido por uma razão utilitária de parte a parte. Ela não deveria ser utilitária, embora possa ser útil, e não deveria ser instrumental (o outro não me é meio ou instrumento algum de), mesmo quando viesse a ser proveitosa para os dois lados. A gratuidade está na porta de entrada e também na de saída de uma relação vivida como a presentificação de um encontro, por ser a partilha mútua e recíproca de um *dom do ser*, tão distante quanto possível do projeto utilitário regido pelo desejo do *ganho do ter*.

Tudo isto pode parecer difícil demais, angelical demais, romântico demais, quando lembramos do momento de mundo em que estamos mergulhados. Quando a memória do filme vivo de nossas próprias experiências cotidianas revela cenas e cenas onde o proveito e a utilidade de cada interação parecem nortear o motivo e a direção de cada ação recíproca, em todos os planos e em todos os domínios da vida. Ali, em nós, entre nós, onde queiramos ou não, uma mesma rotina parece gerenciar a lógica e a ética da vida: é e existe aquilo que vale; vale o que é útil; útil é o que é aproveitável por mim; aproveitável é o meu ganho diante de um outro,

sob a forma de múltipla de um proveito, de uma vantagem, de uma conquista, de uma acumulação, de uma promoção.

Mas esta relação gratuita, porque comungante, em que o processo da criação através de um encontro vale bem mais do que o produto criado, revela por certo a face mais ancestralmente original de nós mesmos. Revela, creio, a face de uma vocação dirigida a continuamente nos criarmos a nós mesmos através do que fazemos *entre-nós* quando estamos juntos. Somos sempre a obra de nossas mãos e de nossos espíritos que de fato importa. E a própria *libertação* cujos desafios nos reúnem aqui, é aquilo que estabelecemos entre nós, como as múltiplas faces de uma mesma experiência da *liberdade* desde quando não somos mais do que plenos outros-sujeitos ou sujeitos-outros uns para os outros, uns através dos outros.

Assim, de algum modo, a libertação não é um ato político que nos transporta de uma estrutura social de produção de bens e de poderes para uma outra, quando o que se tem é apenas uma passagem de sociedades e de padrões normativos de relações entre pessoas onde um primado do utilitário e do instrumental apenas muda os seus sentidos, os seus nomes e os seus senhores. A *libertação* é uma ruptura. Ela é a saída de qualquer estrutura-cenário de relacionamentos interativos (aquela que estabelece e funda um “nós”) e sociais (aquela em que nós criamos e estabelecemos os mundos sociais em de trocas e de reciprocidades em que vivemos nossas vidas) regida pelo primado do *produzir o ter*, por mais aparentemente justa e equitativa que seja esta lógica social de produção de bens e de serviços através de pessoas humanas.

Um idéia de resto bastante divulgada e esquecida hoje em dia, ao mesmo tempo, poderia encerrar esta parte de nossa conversa. Ela vem do também hoje tão esquecido Erich Fromm. Já a coloquei em alguma página bem anterior, mas quero relembra-la aqui.

O amor não é principalmente uma relação com certa pessoa. Ele é uma atitude, uma orientação de caráter que determina como alguém se relaciona com o mundo como um todo, e não com um “objeto” de amor. Se uma pessoa ama apenas outra pessoa e é indiferente ao resto dos homens, seu amor não é amor, mas uma relação simbiótica ou de egoísmo ampliado. No entanto, a maior parte das pessoas acredita que o amor é constituído pelo objeto, não pela faculdade. Na verdade elas acreditam inclusive que dão prova da intensidade do seu amor quando não amam mas ninguém, salvo a pessoa “amada”. ... Por não ver que o amor é

*uma atividade, um poder da alma, muita gente acredita que basta encontrar o objeto adequado, e tudo o mais se arranja por si*⁸.

A ampliação do círculo do outro-próximo

Começo por algo bem simples e concreto, cotidiano e repetitivo mesmo: a relação face-a-face em minha vida e na do outro. O seu rosto e o meu. Começo por algo que não se esgota em uma *ética profissional* e nem mesmo em uma *ética militante*. Algo que para alguém (como fundamento) e para além (como horizonte) de teorias e de práticas sociais, creio que poderia ser mais uma tessitura de disposições de vidas que se encontram do que um receituário do “bem-viver” comum nos livros de autoajuda. Algo que toca a superfície e o fundo do poço das águas com que buscamos dar mais do que apenas um sentido pessoal e existencial às nossas vidas e partilhas da vida. Isto porque, na mesma linha das palavras de Clarisse Lispector no começo de nossa fala, o seu destinatário não é um *Eu individual*, mas sempre a pessoa de um Outro. O *Outro*, *Meu Outro* (diferente do *outro eu*), meu *alheio*, meu *estranho*, meu *oposto*, meu *colega*, meu *próximo*, meu *companheiro*, meu *irmão*.

Vejamos bem. Quando resolvemos nos colocar em qualquer posição situada do *lado da vida*; situada dentro de uma *lógica da comunicação*, em tudo oposta a uma *lógica do interesse*; situada a favor de *práticas emancipatórias* e de *libertação* opostas às *práticas de exclusão*, de submissão e reprodução do primado do mercado sobre a pessoa humana, esta decisão “contra a corrente” nos convoca a uma *escolha de vida* que poderia ser com simplicidade descrita através de oito (poderiam ser seis ou doze) passos de aprendizado de relacionamentos com o Outro e de presença ativa na co-responsabilidade pela partilha na construção de um mundo mais humano. Uma *escolha de vida* fundada na experiência do *amor* e também dos seus rostos mais sociais: a gratuidade, a generosidade, a solidariedade, o diálogo e a busca do primado, entre nós e entre todas as pessoas e povos, da verdade, da justiça, da igualdade entre diferenças, da paz e daquilo em que tudo o que é humano deveria desaguar, como um largo rio de águas límpidas, livres e profundas: a felicidade.

Sabemos por experiências próprias que não é muito difícil aprender a amar mais ainda a quem já amamos. Um dito corriqueiro dos meus tempos de estudante era assim: “a medida do amor é amar sem medida”, mas quase sempre nós o

⁸ Erich Fromm, **A arte de amar**, páginas 57 e 58.

reservávamos temporariamente às namoradas. O dilema do amor entre as pessoas é bem outro. Ele é o alargamento do círculo das pessoas amadas. Talvez a metáfora mais humana e mais desafiadora para cristãos e não cristãos, seja a parábola do Samaritano. Quem é o meu Outro? A quem eu devo o meu cuidado, o meu desvelo? A quem devo servir, mesmo sem saber quem é “este” a quem sirvo? Quem é digno de meu afeto e quem é o sujeito de meu amor?

Colocadas em um plano abstrato, mesmo quando um plano ainda evangélico, essas perguntas são respondidas sem muito custo. E quem alarga no imaginário dos afetos pessoais ou mesmo na teoria de escolha o seu amor a “todas as pessoas e povos do mundo” por certo não se sente mentindo a si mesma e aos outros. Estamos mesmo vivendo um tempo em que muitas pessoas estendem o campo do seu amor pessoal a estas dimensões e se sentem verdadeiramente “em comunhão com todo o mundo”. Outras, e o seu número é bem crescente, alargam o dever do amor e da comunhão a tudo o que é vivo entre nós. E algumas levam o amor ao infinito e o cosmicizam, de tal sorte que desejam sentir uma profunda comunhão de sentimentos e de energias “com todo o Universo”. Mas, quem é Universo aí?

Mas algumas vezes, eu que convivo uma longa parte de minha vida com pessoas cotidianas do mundo da universidade, pergunto a mim mesmo e aos meus colegas e alunos: quem é, “ali”, o meu Outro. Quem é ele? E eu descubro e descobrimos juntos que vivemos todos os dias dentro de círculos muito fechados de amizade, quanto mais de ternura e de amor recíproco. Como se chama a mulher quase invisível que deixa limpos todas as manhãs, os banheiros, os corredores e as salas de aulas? Como vive e em que pensa a copeira que serve o café durante as reuniões? Acaso algum dia eu conversei com os jardineiros. Nas placas dos prédios lá estão os nomes dos reitores, dos diretores e dos engenheiros da obra que realizou um dia o lugar onde eu trabalho. E o dos pedreiros? Terminado o prédio, eles podem entrar ali? Não, eles não podem. Uma pessoa anônima, recém-chegada e desconhecida, pode, desde que vestida com a roupa dos que possuem o poder do estudo. Mas eles não podem. E esta primeira exclusão faz parte dos silêncios de nosso dia-a-dia, antes de serem uma teórica “contradição estrutural da sociedade capitalista”⁹?

⁹ *Quem construiu Tebas, a de sete portas?/Nos livros estão os nomes dos reis/Arrastaram eles os blocos de pedra?/E a Babilônia várias vezes destruída -/ Quem a construiu tantas vezes?/Em que casas da Lima dourada/Moravam os construtores?/Para onde foram os pedreiros na noite em que a/Muralha da China ficou pronta?/A grande Roma está cheia de arcos do triunfo./Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?/ ... Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos./Quem venceu além dele?/Cada página, uma vitória./Quem cozinhava o banquete?/A cada dez anos um grande homem./Quem pagava a conta?/.Tantas*

Em quase todos os nossos cenários de presença na vida cotidiana, convivemos com círculos concêntricos de relações de afeto, de estudo e de trabalho. De modo geral estamos presos a dois ou três círculos restritos. E com ou contra a nossa vontade eles operam por lógicas de inclusão-exclusão. Bem sabemos que uma contínua exclusão de outros parece ser sempre indispensável para que entre os meus genuínos outros possa haver alguma interação significativa. Assim senso, uma expulsão silenciosa de “todos os outros” traça limites confortáveis e parece tornar possível as reciprocidades de nossas vidas “ali”. É preciso que estejam em suas fronteiras, ou mesmo à sua margem, as pessoas que nos servem e que para outros efeitos remetemos a círculos mais distantes. Neles vão ficando, desigual e utilitariamente distribuídos, aqueles e aquelas com quem não temos uma relação afetiva e familiar ou mesmo uma relação utilitária e instrumental qualquer. “Instrumental”, aqui, é sempre um critério de inclusão-exclusão regido por um princípio de valor de trabalho produtivo e de ganhos oportunos.

Sem querer que isto aconteça, mas quase sempre sem fazer nada para que não seja assim, demarcamos com diferentes cores e tons simbólicos e sociais as diversas esferas de relacionamentos em cujo centro de referência e de identidade nos colocamos. Pois vivemos em culturas onde um “eu” é sempre um centro e está sempre situado em algum centro de. E, desde este legítimo e estranho *centro da vida*, de maneira desigual distribuímos as pessoas com quem vivemos experiências que de maneira sumária qualifico assim: pessoais-afetivas, afetivas-instrumentais, instrumentais-afetivas, instrumentais-próximas, instrumentais-distantes ou mesmo de evitação e de invisibilidade.

Temos sempre boas razões para conviver com esta exclusão de outros, entre próximos e distantes, dos círculos da presença e do afeto em nossas vidas. E, bem sabemos, em tempos e espaços sociais regidos pela lógica do proveito e da intenção de utilidade, que aos poucos nos forçam o transformar pessoas em produtos e relações interativas em relacionamentos regidos pelo desejo do ganho, há uma tendência cultural quase inflexível que nos quase convoca a reduzirmos a poucas as pessoas de *outros* com quem convivemos a experiência do encontro genuíno e da pura relação regida pelo afeto amoroso. Ao mesmo tempo em que, como se isto fosse natural, ao invés de ser socialmente naturalizado, distribuímos por distâncias entre a deferência educada e a indiferença costumeira, os *próximos* tornados *distantes* e os *distantes* tornados *alheios*, em nome do que uma vida interativa ilusoriamente viável e harmônica seja possível.

Podemos rever isto. Podemos visitar este costume cultural perverso, cada um de nós e nós todos, juntos. Podemos repensar a lógica afetuosa de nossos círculos de convivência. Podemos nos abrir a círculos de vidas e de encontros amorosamente mais amplos e melhor entretidos de uma convivência gratuita e desinteressada. Podemos fazer isto de maneira crescentemente motivada, a partir de uma progressiva abertura de nossos tempos de encontros e de nossos espaços de relações de afeto e convivência até limites mais e mais estendidos à pessoas a quem, teórica e politicamente, imaginamos estar servindo através do nosso trabalho intelectual ou militante.

Penso que é um mero exercício de imaginário vagabundo o estarmos sempre falando entre nós – o círculo dos auto-escolhidos para o direito de falar entre nós a respeito dos outros - sobre as práticas em favor de causas de inclusão e de justiça, de paz e de partilha solidária da vida e do destino, se não formos capazes de conviver o destino e a vida cotidiana com círculos de pessoas cada vez mais motivadamente ampliados. Círculos que submetem o interesse dos bens, onde eu busco no outro o espelho de minhas virtudes ou a resposta a meus apelos e utilidades, à gratuidade da partilha de dons, ali onde eu encontro *alheios* tornados *outros*, *outros* tornados *próximos* e *próximos* tornados *irmãos e companheiros*. “Companheiro” é uma palavra que no Latim original significa mais ou menos isto: “aquele que comparte o pão comigo”.

E, então, pouco a pouco poderemos chegar à experiência da partilha e do amor em que já não é um *eu* quem define quem é o meu outro, mas um *nós* solidário convivido por pessoas cada vez mais incapazes de estabelecer em nome da razão instrumental o círculo de pessoas com quem comparte uma vida sem lugar a tornar qualquer outra pessoa um sujeito tornado objeto, porque é útil, sem ser amado.

Este há de ser um primeiro aprendizado. Estender o sentimento do afeto ao outro-próximo a um tal horizonte que qualquer pessoa, sua presença, seu ser e seu rosto nos sejam um convite a um gesto de reconhecimento amoroso. Quebrar a cada dia, em qualquer lugar da vida, as barreiras que classificam as pessoas e que estabelecem, antes de um primeiro gesto de aproximação, quem são os poucos que podem ser objeto de atenção e de amor, e que são aqueles que devem ficar do lado de fora da ternura, porque para ser bem vivida, a relação amorosa deve ser exclusiva e, portanto, excludente. E chegar então ao momento em que mesmo os que não parecem dignos de qualquer gesto de afeto, talvez venham a ser o limite do desafio da experiência do amor.

O mesmo Martin Buber que nos acompanhou um trecho deste caminho e que nos espera ainda adiante, escreveu uma vez sobre uma passagem de

aprendizado entre alguns jovens judeus hassídicos e seu mestre, o Rav. A passagem que me chegou às mãos sem maiores indicações, e que presumo ser de uma das muitas páginas do ***Histórias do rabi***, diz assim¹⁰: Num tempo em que não havia ainda o relógio, alguns discípulos perguntaram a seu mestre, para saber o momento exato do final do Shabatt : “Mestre, como poderemos saber que já é dia, de manhã cedo?” E antes que o mestre respondesse cada um buscava uma resposta oportuna. Foi então quando, em um momento de espera e de silêncio, o mestre respondeu: “vocês saberão que já é dia, quando houver onde está luz bastante para que na face de um outro qualquer vocês possam reconhecer o rosto de um irmão”.

E uma bela lembrança escrita um dia por Hanna Arendt poderia caber também aqui. Ela lembra que não é o plural, o círculo do *nós*, que deve ser representado como uma abstração. O *nós*, o *plural*, o *compartido* é a natureza do humano. O singular sim. Não o individual que existe na busca do *outro* e na partilha do *nós*, mas o individualismo que centra o sentido da vida na primazia de um só, que é uma abstração. Quando não é uma doença. Estar bem e conviver o dom do bem é deixar-se somar a e com os outros. Mas somar-se aos outros é o oposto do paralisar o círculo dos “meus outros” quando, do ponto de vista de minhas disponibilidades, meus interesses e meus sentimentos, ele já está “de bom tamanho”. Eis o que lembra Hanna Arendt:

*Estar vivo significa viver num mundo que precede a própria chegada e que sobreviverá à partida (...) Não o Homem, mas os homens é que habitam o planeta. A pluralidade é a lei da terra*¹¹.

O alargamento do diálogo

Muitas coisas hoje em dia me causam espanto nisso a que damos o estranho nome de “vida intelectual”, sobretudo quando os seus cenários são os da academia, os da universidade ou de centros de estudos semelhantes. Uma delas me espanta mais ainda: a maneira grosseira e arbitrária como as pessoas e os seus pensamentos são incluídos ou excluídos dos textos e das falas. Paulo Freire, tão presente aqui entre nós nestes dias, é simples e arbitrariamente riscado de departamentos, de seminários e de livros. Não é que os que não comungam com

¹⁰ O livro existe em Português, em tradução e foi publicado pela Editora Perspectiva, de São Paulo.

¹¹ Hanna Arendt, 2002 pg. 17 e 18

as suas idéias ou não gostem dele o convoquem ao texto para fazerem ali a sua crítica. Ele é silenciado. É apagado. Não se menciona nem o seu pensamento e nem a sua existência. Nós também, leitores e herdeiros de Paulo, fazemos isto. E procedemos assim muitas vezes. Também no exercício do diálogo com outros procedemos por um semelhante processo de inclusões e exclusões. Acreditamos mesmo que somente poderemos estabelecer uma conversação proveitosa com quem lemos e a quem ouvimos na medida em que nos restringimos a círculos de outros próximos, entre os semelhantes e os cúmplices de idéias e de propostas com quem nos acostumamos a gerar pequenas confrarias, umas de longa vida, outras efêmeras, como boa parte das idéias que afinal defendemos.

Penso em uma reversão bastante grande deste estado de coisas do pensamento e das idéias. A respeito delas temos uma difundida compreensão possessiva, e a expressão “às minhas idéias” costuma traduzir mais uma posse do que “eu tenho dentro de mim e é meu, minha propriedade intelectual”, do que mais algo que eu partilho com outros e que, por isso mesmo, é algo compreensível, tem sentido e também algum valor.

Em algum dos seus escritos Martin Heidegger diz mais ou menos isto *Entendemos quando fazemos parte do que nos é dito*¹². Quero pensar alto esta frase simples e sábia, de diferentes maneiras próximas. Por exemplo: compreendemos quando nossos pensamentos fazem parte do que é compreendido; compreendemos algo quando passamos a fazer parte do círculo dos que compreendem aqui; compreendemos quando participamos do círculo onde circula o compreendido; compreendemos quando podemos passar a partilhar a construção de uma compreensão; compreendemos quando partilhamos com outros um círculo de busca de uma compreensão.

Centrar o diálogo na busca do diferente e até mesmo do divergente. Buscar os significados daquilo que por poder ser multiplamente compreendido, pode justamente ser dialogado. Buscar convergências de sentidos e de saberes diversos onde havia antes a ilusão de alguma verdade que, por se pretender absoluta e definitiva, é também não-partilhável. Ouvei de um amigo a seguinte idéia de Santo Agostinho: *a verdade não é minha e nem sua, para que possa ser sua e minha*¹³.

¹² Não tenho maiores dados. Isto me foi dito e alguma conversa, talvez até de mesa de bar. A mesma coisa vai acontecer com a de Santo Agostinho, logo abaixo. Ela me veio de uma leitura de agenda, sem maiores citações.

O que fazer com as rigorosas normas técnicas a este respeito, quando boa parte do que nos chega é dito em conversas ou está escrito em agendas e semelhantes, onde a necessidade obsessiva de precisões técnicas do texto inexistem?

¹³ E depois a encontrei na página 78 do livro **um caso de amor com a vida**, de João-Francisco Regis de Moraes, editado pela VERUS, de Campinas, em 2003.

Há toda uma maratona de livros a respeito de metodologia do diálogo e das relações terapêuticas e didáticas centradas-no-outro. Mas não bem disto que eu falo aqui. Falo de um aprendizado do reconhecer que em uma grande medida convivemos com as “nossas idéias” como se elas valessem por serem as “minhas idéias”. Um individualismo doentio invadiu de tal maneira os meios em que nos relacionamos em busca de saberes e de sentidos de vida, que em alguns momentos tudo parece ser um debate cujo único proveito é a defesa de pontos de vista e a demonstração da excelência de um pensamento original. Bem sabemos o valor destes embates, acadêmicos ou não. No entanto o empobrecimento deles e de nossa vida de pensamento não está neles, mas na passagem deles, de momentos de encontros de pessoas através de suas idéias, em busca de algo bom, belo e verdadeiro que possa ser partilhado diferencialmente (mas não desigualmente) por todas, para confrontos entre idéias através de pessoas. Confrontos onde uma vez mais a lógica da guerra ou a da competição do mundo dos negócios tendem a tornar-se o ponto de referência.

Penso que ao lado das teorias e descobertas a respeito dos infinitos alcances da mente humana, associados à abertura incomensurável a que nos desafiam os paradigmas emergentes, holísticos, não-dualistas, integrativos e transdisciplinares, deveriam corresponder a não apenas uma nova ética, mas a novas sensibilidades a respeito da responsabilidade que partilhamos enquanto criadores de saberes e de sentidos de vida e de destino.

A mesma coisa que os cientistas e epistemólogos descobrem e dizem a respeito da urgência de novas intercomunicações entre os campos do saber; a respeito da complexidade da mente e do conhecimento a respeito de qualquer plano da realidade – da arquitetura dos sentimentos de uma criança à arquitetura dos movimentos do universo –; a respeito da urgência de novas ousadas interações entre os diferentes saberes, reintegrando as artes, as espiritualidades, as filosofias nos cenários dos cientistas; a respeito, finalmente da relatividade de todo o que há e se pensa e da fragilidade e do efêmero de nossas construções teóricas sobre tudo e qualquer coisa, deveria valer também para nós mesmos, tomados em nossa individualidade e na dimensão das pequenas comunidades de pensamento e de trabalho criativo em que nos reunimos.

Todo o saber que é nosso apenas passa por nós por um momento. E, francamente, a excelência de “meu último texto” nunca deveria ser medida por algum ilusório e passageiro lugar de destaque no mundo das produções científicas. Ela deveria ser pensada em termos do possível bem que venha a fazer a alguém. Em termos puramente intelectuais, criei boas idéias em um texto se elas ajudam outras pessoas a irem além do que pensei, depois de me haverem lido. Como um

professor procuro pensar sempre que não me realizo quando escrevo as palavras que os outros não conseguem pensar ... e às vezes compreender. Ao contrário, devo viver as minhas aulas e criar os meus escritos para que os meus alunos e outras pessoas aprendam comigo, por um momento, a irem entre elas além de mim. Infeliz de quem nunca quer ser superado, pois eu sou superado quando participei do que facultou a outras pessoas o levarem a experiência da vida humana para um pouco mais a frente do lugar onde eu e minha geração conseguimos chegar.

Ao nos situarmos equidistantes de todas as tantas dimensões através das quais sentimos, pensamos e criamos algo em comum, aprendemos a ver o saber de nossas ciências como uma fonte de conhecimentos entre outras. Nem a única confiável e nem sequer a melhor ou a mais definitiva. A mim me espanta que entre nós, antropólogos, possamos por anos e anos praticar as várias escolhas teóricas e empíricas de nossas escolhas sem nunca lermos trabalhos de psicólogos sociais. Do mesmo modo como precisei esperar quase quarenta anos depois de formado em Psicologia para vir a saber que dentro dela existe algo chamado: Psicologia da Libertação. Que o reconhecimento de nossos mútuos desconhecimentos pelo menos nos ajude a compreender que o que pensamos pe indispensável, mesmo quando seja desconhecido. E também que, se tantos outros saberes nos são desconhecidos, é porque talvez estejamos encerrados demais no que já conhecemos.

Por outro lado, por antiquada e romântica que esta proposta possa parecer em tempos em que valores empresariais e utilitários crescem em seu poder de domínio sobre nossas cabeças, acho que, por isso mesmo, devemos repensar o lugar de origem e de destino dos saberes que criamos em nossas comunidades aprendentes e que colocamos à volta da mesa em encontros como este. Ainda penso que devemos aprender e ensinar as matemáticas não para formar contadores e financistas, mas como um preparo da mente para o exercício da filosofia. E ainda creio que devemos aprender gramática não para “falar e escrever bem” apenas, mas para aprendermos a nos maravilhar com a poesia escrita em tantas línguas, ao longo de todos os tempos.

O diálogo se perde onde o saber é instrumental e a sua avaliação tende ser cada vez mais utilitária. Pois em nome do que é útil e apenas isto, na se deve perder muito tempo em buscar consensos onde antes existem divergências. Mas quando o valor do saber está centrado no sentido da pessoa e na busca de infinitas alternativas de compreensão (nunca de apenas solução) dos mistérios e dilemas da experiência humana, então as divergências se tornam diferenças e os

consensos sabem que nunca irão esgota-las ou transforma-las em sínteses proveitosas.

E a mesma coisa que as etnociências desvelam a respeito da pluralidade de concepções outras a respeito de tudo, provenientes de outras cultura, poderia ser aplicada também ao caso de cada pessoa. Cada ser à nossa frente não é apenas a pessoa do rosto de um Outro. Ela é, também, uma fonte original de saber. Ela carrega dentro de si e procura dizer entre palavras e gestos o saber de suas próprias vivências. E esta qualidade de conhecimentos, de memórias e de sensibilidades não pode ser nem medida e nem avaliada. No seu sentido mais simplório e também no mais profundo, ela é única e verdadeira. Posto diante de mim, o rosto vivo de um outro qualquer revela um saber menos formalmente importante do que o de Sócrates. Mas quando este alguém me diz o que sabe, as suas palavras não são, ali, nem menos sábias e nem menos verdadeiras. Porque são suas, e porque um rosto que olha o meu me diz o que a sua pessoa fala. Penso que esta certeza é o fundamento do diálogo. E não ter tempo para ouvir quem me fala, porque aparentemente não me parece alguém “digno de nota”, para ouvir apenas aqueles a quem me disponho a ler, talvez seja o gesto do esquecimento das melhores lições que eu poderia aprender.

De um outro destes escritos de agenda, sem citações precisas, anotei uma idéia de uma pessoa a respeito de quem também não sei quase nada. O que Schlegel escreveu é isto.

A razão é uma e em todos é a mesma; entretanto cada pessoa possui a sua própria natureza e o seu próprio amor, do mesmo modo como também trás dentro de si a sua própria poesia.

A escolha da simplicidade voluntária

Podemos nos ensinar e aprender a repensarmos o sentido da posse e do uso dos bens da Terra em nossas vidas. Quando nos colocamos frente ao dilema de que, em termos gerais, a “humanidade” deve se dispor a modificar por completo o sistema de seus relacionamentos com a natureza, a começar por uma reeducação do consumo de bens, tendemos a pensar este dilema como algo tão planetário, tão universal, que não nos toca.

E esta transformação não apenas de alguns hábitos, mas de toda uma escolha de vida, só poderá ser consolidada se começar a ser tomada como uma questão pessoal, familiar e interativa, no âmbito dos pequenos grupos e das comunidades da vida cotidiana.

Creio que é chago o momento de aprendermos a rever a relação pobreza/riqueza. Até aqui, negando isto ou não, ainda somos servos da lógica do *mundo dos negócios* ao pensar os termos da própria qualidade de vida.

Em nome de nossos direitos pessoais e familiares a um certo padrão de conforto que a tecnologia e o mercado nos prometem, lutamos por “conquistar” um estilo de vida cujo padrão de consumo acaba sendo sempre superior ao das verdadeiras necessidades de uma vida humana digna e simples. inteiro, a começar por povos do “Primeiro Mundo”, começam a questionar o fervor excitante de uma vida consumista. Começam a colocar questões como a *solidariedade* (que nos espera um pouco adiante) e da *sustentabilidade* (idem) como dilemas e apelos que saem de uma “política dos outros”, para uma “ética de nós mesmos”.

Dado que as riquezas essenciais à Vida o Mundo se exaurem em escala assustadora, a solução não está em buscar novas tecnologias de “conquista da natureza”. Até mesmo os empresários da ALCOA sabem que este caminho apenas apressará o “final dos tempos”, previsto agora mais por cientistas leitores do futuro do que por crentes fanáticos leitores do passado. A única solução viável estará em um outro padrão de relacionamentos com a natureza em termos de não apenas uma “economia de recursos”, mas de toda uma outra escolha de reciprocidades com ela. As comunidades sustentáveis e o próprio desenvolvimento sustentável são apenas a roupa que cobre o corpo de nossas decisões pessoais e interativamente sociais a este respeito.

Podemos adotar uma vida muito mais simples. Podemos viver escalas de consumo, de posse e de uso dos bens disponíveis bastante menores, sem perda nenhuma da verdadeira substância de uma *vida de qualidade*, que bem poderia ser o outro lado de uma obsessiva luta por conquistar uma maior *qualidade de vida*.

Se bem sabemos que, em uma outra dimensão, os recursos do mundo natural, transformados em produtos e em ganhos sociais estão e estarão cada vez mais mal repartidos entre pessoas e entre povos de minha rua, de minha nação de todo o planeta Terra, podemos rever por completo o sentido de nossas escolhas. Não a miséria e nem uma pobreza indesejável, mas uma vida simples e compartilhada deveria orientar a nossa própria relação com o mundo do trabalho. De algum modo, o apelo antigo e atual no sentido de escolhermos estar com os despossuídos, com os excluídos e postos à margem, cujo número apenas aumenta aqui e por toda a parte, não deveria ser apenas uma distante opção política. Ele deve tender a ser uma *escolha de vida*.

Não se trata de renunciar a tudo e optar, entre Gandhi e Francisco de Assis, por uma vida doada, livre e realizada na e como pobreza. Podemos pensar na

escolha de uma reversão do eixo dos interesses e sentidos de vida em direção a uma partilha do modo de vida das incontáveis pessoas para quem um intervalo entre a simplicidade e a pobreza é a única opção viável. Podemos aprender a perguntar o que de fato cada um de nós precisa para viver, e viver bem, na verdade, para que as outras pessoas possam também viver, tanto quanto nós, uma vida menos triste e menos à margem.

Estamos tão empapados de símbolos e de valores tão mercantis e consumistas em favor de um ajustamento à realidade, de uma oportuna adaptação à vida social, e mesmo de tão desejável harmonia de vida, que é difícil pensar em qualquer projeto de realização pessoal que não ameace perverter o “pessoal” em “individualista”. E é mais difícil ainda imaginar qualquer projeto de uma vida plena e feliz que não seja também uma vida pelo menos confortável. E, bem sabemos, o conforto é o que se consome e o que se consome é o que se tem e o que se acumula.

O outro lado desta disposição que nos faz portadores individuais dos devaneios do mercado tem tudo a ver com o que foi escrito acima a respeito do diálogo. Ali eu procurava pensar o diálogo não como uma espécie de boa ética da tolerância com o Outro e as suas idéias, mas como uma outra ontologia do modo de conviver com os saberes e os valores. Quando eu desloco o que sei e o que creio da lógica da posse e do ganho para uma sensibilidade do dom, do fluxo e da partilha, tudo em mim se transforma. Deixo de viver o que aprendo como uma conquista ou um ganho. E deixo de experimentar o que eu sei como uma posse, uma propriedade de símbolos, saberes e significados. Vivo o que aprendo como os saberes de cuja criação eu participo e vivo o que aprendi a saber como algo que passa por mim, que por algum tempo flui instavelmente em mim e que somente tem algum valor se é recíproco. Se continua e crescentemente pode estar à volta da mesa, entre trocas e vivências de reciprocidades gratuitas e amorosamente generosas.

Não possuo para mim o conhecimento que adquiri e nem tenho o saber que sei, mas o conhecimento que criamos juntos e o saber que compartimos passa por mim também.

Porque não pensar de igual maneira a respeito dos bens materiais que possuímos? Ou seja, por aquilo dos quinhões da natureza transformada em cultura que por um momento convivem conosco, sob a nossa guarda provisória. Podemos escolher o tomar como fundamento de uma *escolha de vida* este ensino que atravessa o imaginário das religiões, das espiritualidades e das filosofias mais humanistas: se que quero ser dono do que possuo, o que eu possuo me domina. Dito de outra maneira: tudo o que me faz desejar ter rouba de mim a vocação a

ser eu mesmo. O que eu possuo assina por mim o meu próprio nome e o espelho de cristal onde a minha vaidade quer ver refletido o meu rosto, acaba sendo meu retrato mais fiel do que o meu próprio rosto.

Há todo um movimento universal de *simplicidade voluntária*. Pessoas, grupos e redes de participantes em todo o mundo se organizam e começam a ser escutados. Pode ser que tudo não passe de uma moda a mais. Mas podemos pensar que a diferença entre ser uma moda passageira e tornar-se um modo de vida que junto a outros possa de fato revolucionar o mundo em que vivemos, é outra coisa que depende de nós¹⁴.

A escolha da partilha solidária

Um dos graves dilemas de uma *escolha de vida* pessoal e interativamente coerente com um projeto social de libertação está em que em boa medida algumas disposições conduzidas por preceitos de reciprocidade, partilha a solidariedade, ficam restritas a alguns grupos pequenos e a algumas confrarias. No entanto este é o passo seguinte ao da opção por uma vida simples e despojada, em favor da Vida e em comunhão com os outros.

Não basta a disposição de consumir menos e possuir pouco. Tomada sozinha, esta escolha pode desaguar em uma espécie de renúncia individual e até egoísta. Apenas troco as minhas posses de materiais para espirituais. Mas, fechadas no círculo de mim mesmo, elas acabam resolvendo – ou pretendendo resolver – os “meus problemas”. E tudo o que escrevo aqui conspira contra estes desejos solitários de “crescimento espiritual desde que os outros não me atrapalhem”.

Podemos reaprender a lição simples de possuir pouco e, passo a passo, possuir e consumir em conjunto. Tudo o que passa por nós e flui entre os outros e eu-mesmo, poderia passar e fluir em um generoso duplo sentido. Primeiro no sentido quase existencial, quase metafísico de que falei antes mais de uma vez. A experiência de que sou livre quando sou mais do que apenas uma pessoa desapegada. Quando me transformo em uma pessoa que vive o que possui como a experiência de um alguém através de quem as coisas passam, sem serem retidas possessivamente. A segunda pode ser a consequência política e ética da primeira. Se assim é, tudo ou quase tudo o que eu possuo (escovas de dentes fora) pode ser

¹⁴ Existem já alguns livros em português sobre o assunto da simplicidade voluntária. A indicação deles e de muitos outros artigos e notícias pode ser obtida em: <http://www.simplicidadevoluntaria.com>

progressivamente colocado em comum. Pode sair do círculo de “minhas posses”, “meus bens” ou, pior ainda, “meus ganhos” ou “minhas conquistas”, para o circuito dos dons da vida e da cultura que partilho de forma recíproca (porque no fundo tudo são trocas) com as outras pessoas.

Podemos colocar em comum e partilhar com outros os nossos bens, os nossos talentos e os nossos serviços. Podemos tornar disponível o que possuímos e, assim, podemos passar do penoso *possuir, reter e acumular* para a experiência generosa do *partilhar, ar e trocar*, que nos livra, ao mesmo tempo, do que temos e guardamos para nós, e de nós mesmos, quando nos guardamos para o que temos. E esta é a semente da liberdade.

Gosto da maneira como Solange Magalhães, uma aluna pós-graduanda em Goiás pensa a solidariedade. Ela foca o seu princípio no fato de que aqueles que se reúnem para praticá-la em alguma dimensão não são regidos por uma lei exterior e imposta, mas por preceitos coparticipados de interação e reciprocidade que eles próprios criam. Vejamos como ela diz isto.

Uma disposição de caráter é resultado de um sistema de valores que vão se constituindo na pessoa a partir de sus relações com o meio, consigo mesma e com os outros; portanto, pela trocas estabelecidas. Dessa trocas surgem sentimentos que lhe permitem sentir o mundo, a reação dos outros às suas ações, às suas reações a ações dos outros. ...

Chamarei aqui de ação solidária todas aquelas que não seguem uma lei, uma obrigação visivelmente imposta. Do ponto de vista das relações sociais que imperam em um sistema como o nosso, a ação solidária implica em dar sentido, criar deferentes propostas que apresentem, não só no trabalho com crianças, mas com todos os sujeitos de nossa sociedade, novas formas de ação não-indiferente, pois a indiferença passa pela falta de solidariedade¹⁵.

Assim sendo, a equação dar-receber-retribuir que em Marcel Mauss estaria na criação da própria ordem da vida social, passaria a vigorar entre nós em outros termos. Não mais uma reciprocidade fundadora e imposta, mas uma nova maneira de interagirmos fundada integralmente em princípios de partilha, solidariedade e participação. Uma vida onde a reciprocidade deixasse passo a passo a esfera das

17 Solange M. O Magalhães, *do sagrado ao vivido: a educação do sentimento*, documento original em xerox, Goiânia, 2003, pg. 9

obrigações impostas pela organização da sociedade - ali onde por toda a parte ela reproduz situações tão injustas e tão desumanas – e é remodelada por inteiro para fazer parte das escolhas recíprocas de uma vida social pensada em termos inteiramente outros.

Estamos também a tal ponto acostumados a viver entre os termos da economia de mercado, onde tudo é pensado em termos de compra-e-venda e de ganhos e perdas, que a possibilidade não propriamente de uma saída do comércio e do mercado, mas de os vivermos em termos centrados no ser das pessoas e, não, no possuir das mercadorias (pessoas incluídas), às vezes nos aparece como uma vaga fantasia. No entanto este seria o caminho mais humanamente realista. E um primeiro passo está no aprendizado de um outro olhar sobre as relações entre as pessoas, sobre as relações entre as pessoas através das coisas, e sobre as relações entre as coisas através das pessoas.

Podemos criar laços duais (como o laço cliente-terapeuta, por exemplo), grupais, comunitários, em redes e, no limite, nacionais e universais centrados em princípios de trocas e de reciprocidades que não excluem os ganhos pelo trabalho, mas que redimensionam a lógica e a ética das trocas de bens, de serviços e de sentidos. Podemos começar a criar formas solidárias e cooperativas de vida interativa e social interpostas entre nós e a economia de mercado. Podemos incentivar a criação de redes de trocas mútuas, de ajuda recíproca, de oferta-e-demanda. Podemos estabelecer princípios de uma outra ética econômica, pois uma economia solidária é possível e está bem mais em nossas mãos do que imaginamos.

Podemos ousar a criação de pequenas unidades de *vida solidária* que nada têm de amorismo ou de voluntarismo fantasioso. Antes, ao contrário, elas poderiam ser o embrião de uma outra economia e, por decorrência, de uma outra forma de vida social. Algumas experiências de vida associativa e de unidades e redes de trocas de produtos, ou de consumo solidário estendem-se por toda a parte¹⁶. Por agora são os agricultores e os pequenos artesãos os que nos têm algo a ensinar, pois eles saíram na frente. Mas agora começamos a nos perguntar se não podemos estender a experiência de trocas recíprocas e solidárias a outras

¹⁶ Além das várias unidades sociais de vida associativa, de experiências cooperativas e de partilhas solidárias, há redes que as aproximam. Aqui no Brasil é possível acessar a <http://www.redesolidaria.com>. Alguns livros recentes têm sido publicados e eu recomendo enfaticamente os seguintes: Marcos Arruda, **humanizar o infra-humano – a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária**, VOZES, Petrópolis, 2003 (saiu apenas o 1º volume de uma série de três); Paul Singer, **introdução à economia solidária**, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999; Euclides André Mance, **redes de economia solidária – aspectos econômico filosóficos: complexidade e libertação**; Antônio David Cattani, **a outra economia**, VERAZ Editores, Porto Alegre, 2003.

esferas de vida e de trabalho, até o momento em que toda uma vida social alternativa torne real a possibilidade de que venhamos a construir juntos, para habitarmos solidariamente, um “outro mundo possível”.

Participação na construção “de um outro mundo possível”

Dentro de um projeto que se imagina emancipatório e onde a palavra *libertação* fertiliza todas as outras, não estamos trabalhando para minorar sofrimentos dos que continuarão sofrendo, ainda que um pouco menos. Estamos buscando aqui e ali participar de ações sociais destinadas a gerarem um outro mundo. O mundo do *lado da vida*, de que falamos seguidamente. Estamos trabalhando para construir em nós e em toda a parte, cenários de vida de pessoas capazes de se assumirem como criadores de seu próprio mundo.

Quando proponho como passos em direção a um caminho emancipatório, algo como a *simplicidade voluntária* e a *partilha solidária*, elas não devem ser compreendidas como unidades isoladas e assumíveis uma sem as outras, e destinadas a gerarem algumas vidas mais “autênticas” em um mundo de vida que nega à imensa maioria das mulheres e dos homens uma existência de mínimos vitais. Não devem ser pensadas e vividas como uma ética dos bons propósitos, como disposições de *escolhas de vida* dirigidas à participação em todo um projeto local, nacional e universal de criação de outras formas de se viver. Destinadas a construírem de fato um outro mundo regido por princípios bem distantes dos que regem a economia de mercado e a colonização mercantil da vida humana segundo os termos da globalização neoliberal. Parece que não temos mais a mesma clareza de antes a respeito dos nomes a serem dados a um outro mundo de vida e de trabalho. O seu horizonte ainda se desenha aos nossos olhos entre o *solidário* e o *socialista*. Mas foi-se o tempo em que nos perdíamos entre nomes e siglas. Terá chegado agora o momento de pensarmos em estabelecer agora os termos de uma *vida* que salte dos gestos interativamente éticos para os atos transformadoramente políticos.

Em um outro escrito deste livro trouxe um longo parágrafo de Marcos Arruda quando ele fala ponto por ponto das alterações que desenhariam a passagem de uma ordem social à outra. Quero que ele nos visite uma vez mais.

Uma série de redefinições emergem desta reflexão. O ser humano deixa de ser concebido como um indivíduo isolado e em competição permanente com outros, e passa a ser visto como um

ser-em-relação, consciente dos desafios comuns a enfrentar e de uma existência comum a compartilhar. O mercado passa a ser visto como uma relação entre agentes sociais conscientes, que deve ter seu espaço limitado pelo interesse público e precisa ser regulado a fim de servir aos objetivos maiores do desenvolvimento social e humano. A economia passa a ser concebida como um subsistema aberto num contexto mais amplo do ecossistema social, responsável por responder às necessidades materiais de cidadãos das sociedades nacional global de forma justa e sustentável. O trabalho, que para alguns pensadores progressistas (como Jacques Rodin ou Roger Sue) deve, a partir de agora, deixar de ser traço de união social; ao contrário, seria libertado da prisão salarial e passaria a ser valorizado, enquanto práxis comunicativa e criativa, como núcleo do desenvolvimento humano, inaugurando não uma sociedade livre do trabalho, mas uma sociedade do trabalho livre.¹⁷

Compromisso com o Povo como meu Outro

Poucas palavras sobre este tema. Mas que elas sejam bem contundentes. Vivemos agora um tempo em que os descaminhos da ordem social não deixam mais categoria identitária alguma ou classe social alguma de fora. Ora, uma certa generalização de um estado de máximos extremos de desigualdade e de exclusão podem nos levar a esquecer que ainda é sobre os pobres e os postos à margem que o peso da sociedade desigual recai com maior força. Ainda são eles os oprimidos de quem falávamos em outros tempos.

E ainda são eles as pessoas e os grupos sociais-testemunho. Ainda é “lá de baixo” que nos chegam os maiores clamores. Mas é também “de lá” que a todo o momento chegam as frentes de luta e de resistência ao Mundo que vive ao mesmo tempo de seu trabalho e de sua exclusão.

Os movimento sociais populares, como o MST, ou os movimentos de minorias étnicas são e seguirão sendo experiências-guia de todo um trabalho social por onde são iniciados aqui na América Latina e por toda a parte, os enfrentamentos ao neoliberalismo mais conseqüentes. Se olharmos com calma e

¹⁷ Marcos Arruda, *a nova ética global: crise da ética e da racionalidade*, artigo de **Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos**, de Marcos Arruda e Leonardo Boff, pela Editora VOZES, de Petrópolis. Na 2ª edição, de 2000, a citação está na página 44.

densidade o que tem acontecido com experiências sociais que em um primeiro momento atuavam distanciadas das causas populares, como aconteceu com as frentes ambientalistas, veremos que pouco a pouco as mais conseqüentes foram se aproximando dos movimentos populares. E, então, sem deixar de atuarem em seus campos originais de ação social, elas redesenharam boa parte de seus princípios e de suas estratégias de presença e participação. E isto representou e tem representado um grande ganho de parte a parte. Vivemos em um mundo em que é ilusório pensar a “questão ambiental” sem vínculos bem fortes com a “questão da terra”. E esta última é, desde muitos e muitos anos, uma questão sempre presente nas causas populares, indígenas e de outras frentes sociais.

Vivemos tempos em que as causas e as frentes de luta e de esperança na construção do novo tornaram-se múltiplas e, em alguns casos, bastante movediças e até mesmo efêmeras. Ainda que sejam muitas as alternativas de participação corresponsável na construção do “outro mundo possível”, uma presença junto aos mais excluídos e junto aos movimentos populares ainda é e seguirá sendo a fonte de empoderamento dos outros movimentos emancipatórios. E a redefinição de vidas pessoais e interativas em termos de uma partilha solidária nos deveria impelir a um esforço para repensarmos a nossa própria inclusão profissional na vida social.

Creio que isto tem um sentido desafiador para todas as pessoas que de um modo ou de outro trabalham como educadoras, ou como também educadoras. Incluo aqui todas as pessoas que profissional, vocacional ou militantemente estão envolvidas em relacionamentos por onde passam de forma motivada e intensa tipos de trocas de saberes, de valores de vida, de sentidos de destino, de imaginários e de ideários de gestão solidária do presente e de construção de futuros mais justos e igualitários.

Precisamos mais do que seguir vivendo uma experiência profissional inteiramente imersa na rotina do *mundo do mercado*, reservando pequenas brechas de tempo e de energia (quando sobram) para algum tipo de participação em projetos emancipatórios. Isto é importante e de múltiplas e variadas maneiras envolve dimensões da vida de muitas e de muitos de nós. Mas é toda uma coletiva vida profissional que precisa ser repensada. E em tempos de privatização de quase todos os campos de trabalho e de uma progressiva colonização empresarial até mesmo de unidades de financiamento de ações sociais, ambientais e outras, como iniciativas da sociedade civil, é cada vez mais desafiadora a solução do dilema de como colocar o exercício de nossas profissões a serviço das maiorias excluídas e, não, a serviço de minorias excludentes.

A escolha e a vocação da Paz

Nem todos souberam disto e pouca gente ainda se lembra, mas a UNESCO convocou todas as pessoas e, de maneira especial, todos os educadores do mundo inteiro, a se unirem em nome de uma *Década de Culturas da Paz*.

Assim como a proposta de uma socioeconomia solidária faz sentido no confronto com a economia de mercado que nos coloniza, assim também o apelo pela paz entre todas as pessoas e povos da Terra deve ser ativado em confronto com um “estado de guerra” generalizado e com as formas de verdadeira violência que pesam sobre todos nós. Em um outro momento do que está escrito aqui neste livro lembrei um biólogo para sugerir que o oposto da guerra não é a paz, mas o comércio. Em uma outra direção poderemos compreender que o oposto de uma paz generalizada não é a guerra, mas o comércio, tal como ele tem sido exercido e estendido a toda a Terra.

A paz é bem mais do que um estado de boa vizinhança estendido da rua ao planeta. Ela entretence todas as esferas e todas as dimensões de relacionamentos entre pessoas; entre pessoas e instituições sociais; entre grupos identitários e outros; entre as sociedades e a natureza, entre culturas e ambientes.

De outra parte, mais do que nunca antes tomamos consciência de que tal como tudo, na vida social, e tanto ou mais do que a guerra entre povos e a violência entre pessoas, a paz é uma construção social. Ela é objeto de pensamento, de música e de poesia. Ela habita encíclicas de papas, pronunciamentos de diretores-gerais da ONU, festas com pessoas vestidas de branco, as pombas de Pablo Picasso. E habita, mais ainda, as ações concretas de pessoas e de grupos humanos em seu favor. Somos também nós, as pessoas da vida de todos os dias, os que podemos nos unir em favor da paz. A ela e não apenas ao “ajustamento social” podemos dedicar o melhor de nossos trabalhos profissionais.

Até porque a paz é também aprendível. Tal como o amor e a solidariedade, a paz se vive como um aprendizado. Várias educadoras e educadores do passado próximo e do presente nos lembram que ela não se ensina tanto através do aprendizado das letras e das normas. Uma vocação de paz é gerada sempre que um contexto amoroso e de profunda aceitação dos outros é criado em casa, na escola, em ambientes de trabalho e em unidades de ação social.

Penso que todas as propostas de *vida solidária* deveriam incluir a questão da paz em seus ideários. Creio que até mesmo os escritos e os manifestos mais científicos ou mais econômicos que tentam ir mais além do estado atual de criação de saberes e de criação de sistemas de economia e de política, deveriam encarar de frente a dimensão do amor no ser humano. E deveriam encarar de frente as alternativas de outras escolhas de vida como algo tão real e concreto quanto as políticas públicas dirigidas ao desenvolvimento econômico. E deveriam encarar de frente o fato de que tudo o que se propõe como uma política econômica e suas derivadas sociais deveria desaguar não em ajustes e em obras públicas, mas em felicidade humana, em um mundo afinal não apenas pacificado, mas amorosamente imerso em uma paz irreversível

Não há caminho para a Paz, a Paz é o caminho! Não sei quem afinal disse um dia esta frase que alguns atribuem a Gandhi. Gosto muito dela e a tornei um refrão do final de minhas cartas aos amigos. Mais do que uma frase retórica boa para agendas esotéricas, ela é um chamado realista a todos nós.

Extensão do Amor a toda a vida

Em alguns outros escritos, um pouco mais naturistas e um pouco mais ambientais, tenho defendido, às vezes com palavras extremas, a idéia de que chegou o tempo de aprendermos como alguns novos pensamentos, ou de reaprendermos, retornando à tradição de culturas ancestrais, de que o *amor* pode ser uma criação humana¹⁸.

Mas se o amor é a experiência mais naturalmente humana e se é por ele, mais do que por pelo exercício da razão, que somos quem somos, em nada o *amor* tem porque ficar restrito aos círculos de vida dos seres humanos. Assim como sabemos que podemos exaurir o Planeta Terra de seus recursos naturais e, assim, torna-la tão triste e deserta como Marte, também podemos reverdecer e recriar por toda a parte a mesma Vida que continuamente ameaçamos.

A passagem de uma margem de escolhas para a outra importa também uma ampliação de relações interativas regidas pelo respeito, pela comunicação amorosa e pela reciprocidade, entre nós e os outros seres com quem compartilamos a Vida na Terra. Este trânsito do primado do *mundo dos negócios* para o *mundo da vida* importa a transferência do desenvolvimento econômico para um

¹⁸ Presente em outros livros já publicados, como em ***em campo aberto***, editado pela Cortes, de São Paulo, e em ***somos as águas puras***, editado pela Papyrus, de Campinas, algumas outras idéias centradas em uma antropologia do meio ambiente deverão reaparecer em um livro previsto ainda para este ano de 2004: ***as flores de abril***.

desenvolvimento humano. Ele muda relações de domínio e de expropriação utilitária do meio ambiente por relacionamentos sustentáveis em que a natureza deixa de ser vista como um cenário inerte de objetos a serem explorados em nome de interesses de ganância do capital e passa a ser intencionada como um campo de Vida em interação amorosa com outros de seus seres: nós, os humanos.

Como estou o tempo todo falando aqui de pequenas disposições de quem de uma vez ou aos poucos se volta a uma outra *escolha afetiva, estética, ética e política de vida*, quero terminar estas palavras lembrando que uma vez mais podemos descolonizar a nossa vida cotidiana e podemos adotar toda uma série de gestos de sustentabilidade pessoal e interativa. E este “interativa” estende-se a plantas e bichos, à terra e à água.

Experimente comprar mais de produtores orgânicos do que dos tecnológicos. Experimente frequentar menos os grandes supermercados e mais as feiras de produtores locais e artesanais. Experimente viver entre menos plásticos e entre mais papéis e panos. Experimente somar-se às pessoas de sua rua, de seu bairro, de sua vizinhanças próximas e planetárias atentas ao que se passa neste imenso quintal que começa à sua volta, em sua casa, e estende-se por toda a Terra. Então você saberá por conta própria do que eu estou falando.

Um cego, um rosto, uma manhã

Quando alguém da reportagem do *Jornal da Universidade*, da Federal do Rio Grande do Sul perguntou ao fotógrafo esloveno Egven Bavcar: “*como o senhor consegue ‘ver’ as fotos depois de feitas?*”. Ele respondeu: “*com as palavras dos outros*”.... O verbo ver está escrito entre aspas na pergunta. Egven Bavcar é um fotógrafo cego há 44 anos. A entrevista foi realizada como parte dos programas da exposição de fotos em Porto Alegre, sob o título: *a noite, minha cúmplice*. Quando no momento seguinte a mesma pessoa pergunta: “*pode-se dizer que o senhor fotografa através dos olhos dos outros? É isto que o leva a fotografar algo ou alguém?*” Ele continua a resposta anterior que, de propósito, deixei incompleta, dizendo isto: “*minhas fotografias só existem para mim enquanto existem para os outros. A palavra de outros olhos me conta a realidade física de minhas fotografias. Conheço somente suas realidades, conceitual e espiritual, reveladas por meu terceiro olho com o qual eu fotografo*¹⁹.”

Ora, esta estranha, sábia e tão tocante confiança evoca em mim uma outra. É a lembrança de um dos contos hassídicos de Martin Buber. Como ele fala

¹⁹ Está na página 8 da edição de setembro de 2001. A reportagem apresenta algumas fotos de Bavcar.

também da “noite” e do “outro”, creio que vale a pena recordá-la aqui. E já que não sei como encontrá-la e citar sua fonte precisa, escrevo tal como lembro do que li ou me contaram algum dia.

Um discípulo pergunta ao Rav: mestre, quando na manhã do Shabbat eu posso saber que a noite terminou e já é dia? Você saberá que já é dia, responde o Rav, quando houver luz suficiente para você reconhecer, no rosto de um outro, o seu irmão.

E aqui estamos diante de estranhas imagens, no entanto, corriqueiras, se vistas e “lidas” com outros olhos. Que elas nos acompanhem daqui em diante. Imagino que uma e a outra sugerem o reconhecimento. Sim, o reconhecimento. Pois ao reconhecer o outro, o meu outro, eu me abro a receber dele o Dom do próprio reconhecimento. Pois conhecer é olhar outros para aprender a saber, enquanto reconhecer é olhar um outro para aprender, com ele, a conhecer um múltiplo eu mesmo. Quando isto? Ontem, ou aqui, agora, sempre. Em meu mundo: “agora já é de manhã, pois na luz você já me vê, me reconhece”. Em minha obra: “as suas imagens, vistas com os seus olhos, são assim”. E de modo algum é preciso ser um cego para saber que a melhor maneira de conhecer o valor do que eu mesmo fiz, é através das palavras e do olhar de um outro. Em mim mesmo: “você é este, um outro”.

Entre os dois – o sábio fotógrafo cego e o inocente discípulo vidente – aquele que habita uma noite sem manhãs “vê” (poderia ser sem as aspas?) e lê na palavra de um outro a beleza da imagem e o sentido da cena que ele mesmo criou. Mas o que enxerga e não sabe ainda o que está vendo, vê (poderia ser com aspas?) e “lê” no rosto de um outro não apenas a aurora do dia sagrado, mas aquele que sendo diante de mim um outro, já é para mim um irmão, e o seu rosto espelha em mim o do próprio Deus que, ao colocar diante de mim um outro, irmão, cria o sagrado e o dá a ver: “já é dia, já te vejo, já é Sábado de manhã cedo”.

Em um e no outro – o que vê com a palavra e o que lê através da imagem – a pessoa de alguém revela o essencial. E somente assim o que é essência e, não, aparência., se revela: na foto e na manhã do dia. E eis-nos, se quisermos ver “as coisas” desde o ponto de vista que eu sugiro aqui, diante do mistério do diálogo: o fundador do sentido. E então, aprendiz ainda das primeiras letras da cartilha das lições do amor, desde estas linhas de uma pequena viagem a que o convido a caminhar comigo, leitor amigo, quero sentir e pensar o *diálogo*, como aquilo que existe não apenas quando um outro diz a mim algo, alguma coisa. Pois bem sabemos que isso pode ser e a mera conversa fiada, ou a breve troca de

interessada informações. O diálogo está ali, aqui, quando um *outro* me diz de mim algo essencial, ao dizer-me alguma coisa de si mesmo através de um momento de partilha de um dos muitos rostos de sentimento do *amor*.

Esse estranho dizer: o amor

Ora, já que é sobre o *outro* e o *diálogo*, logo, sobre algumas imagens e vivências sentidas e postas por escrito a respeito do *amor* que eu estou pensando e procurando dizer algo aqui, quero buscar, em um primeiro instante, a sonoridade e o significado dado a estas palavras: *amor, o amor*, onde nós nos acostumamos a imaginar se que elas não deveriam estar. Ali, lá ... nos livros de ciência. Mas, veja você, leitor amigo e companheiro nesta mesma busca, ao olharmos um pouco mais de perto alguns textos recentes e bastante traduzidos e divulgados, elas estão bem ali. Eis um exemplo.

Nas páginas 26 e 27 de *ao pé da árvore*, prefácio ao livro *A Árvore do Conhecimento – as bases biológicas do entendimento humano*, Rolf Behncke C. diz isto:

A libertação do ser humano está no encontro de sua natureza consciente consigo mesma. Contientia ens sociale (a consciência em um ser social); não podemos, por isso, chegar a esse encontro pela via da guerra, em qualquer das suas múltiplas dimensões. O caminho da liberdade é a criação de circunstâncias que libertem no ser social seus profundos impulsos de solidariedade para com qualquer ser humano. Se pudéssemos recuperar para a sociedade humana a natural confiança das crianças nos adultos, essa seria a melhor conquista da inteligência, operando no amor, jamais imaginada²⁰.

O autor haverá de saber que o seu dizer do amor no quase do prefácio, apenas antecipa uma passagem quase ao final do livro. Uma passagem em que a mesma palavra - *amor* - reaparecerá, agora com toda a sua força. Uma tal estranha força que os autores que as escrevem logo depois de enunciá-la avisam que ela poderia ser trocada por outra. Um outro conceito de eventual leitura mais fácil e de interpretação porventura mais legítima entre aqueles que costumam interpretar cientificamente até mesmo – ou principalmente - os sentimentos

²⁰ ***A árvore do conhecimento***, Humberto Maturana e Francisco Varela, Editorial Psy, 1995, São Paulo

humanos. Humberto Maturana e Francisco Varela, dois notáveis biólogos chilenos, escrevem assim:

Se sabemos que nosso mundo é sempre o mundo que construímos com outros, toda vez que nos encontramos em contradição ou oposição a outro ser humano com quem desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser a de reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista, e sim a de considerar que nosso ponto de vista é resultado de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido quanto o do nosso oponente, ainda que o dele nos pareça menos desejável. Caberá, portanto, buscar uma perspectiva mais abrangente de um domínio experiencial em que o outro também tenha lugar e no qual possamos, com ele, construir um mundo. O que a biologia está mostrando, se o que dissemos neste livro está correto, é que a unicidade do ser humano, seu patrimônio exclusivo, encontra-se nesta percepção de um acoplamento socioestrutural em que a linguagem tem papel duplo: por um lado, o de gerar as regularidades próprias do acoplamento estrutural social humano, que inclui, entre outros fenômenos, a identidade pessoal de cada um de nós; por outro, o de constituir a dinâmica recursiva do acoplamento socioestrutural. Esse acoplamento produz a reflexividade que permite o ato de mirar a partir de uma perspectiva mais abrangente, o ato de sair do que até este momento era invisível para ver que, como seres humanos, só temos o mundo que criamos com os outros.

A este ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo, que sempre implica uma experiência nova, só podemos chegar pelo raciocínio motivado pelo encontro com o outro, pela possibilidade de olhar o outro como um igual, num ato que habitualmente chamamos de amor – ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro ao nosso lado na convivência. Esse é o fundamento biológico do fenômeno social: sem amor, sem aceitação do outro ao nosso lado, não há socialização, e sem socialização não há humanidade.

Tudo o que limite a aceitação do outro – seja a competição, a posse da verdade ou a certeza ideológica – destrói ou restringe a ocorrência do fenômeno social e, portanto, também o humano, porque destrói o processo biológico que o gera. Não se trata de moralizar – não estamos pregando o amor, mas apenas destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem a

aceitação do outro, não há fenômeno social. *Se ai da se convive assim, é hipocritamente, na indiferença ou ativa negação*²¹.

²¹ A longa passagem transcrita aqui está distribuída entre as páginas 262 e 264 do mesmo **a árvore do conhecimento**, já citado aqui. Os grifos são dos autores. Mas inventei dois parágrafos inexistentes no original para desdobrar melhor alguns nascedouros de idéias importantes.